

Manifesto de S. A. R.  
o Príncipe Regente do Brasil  
aos Povos

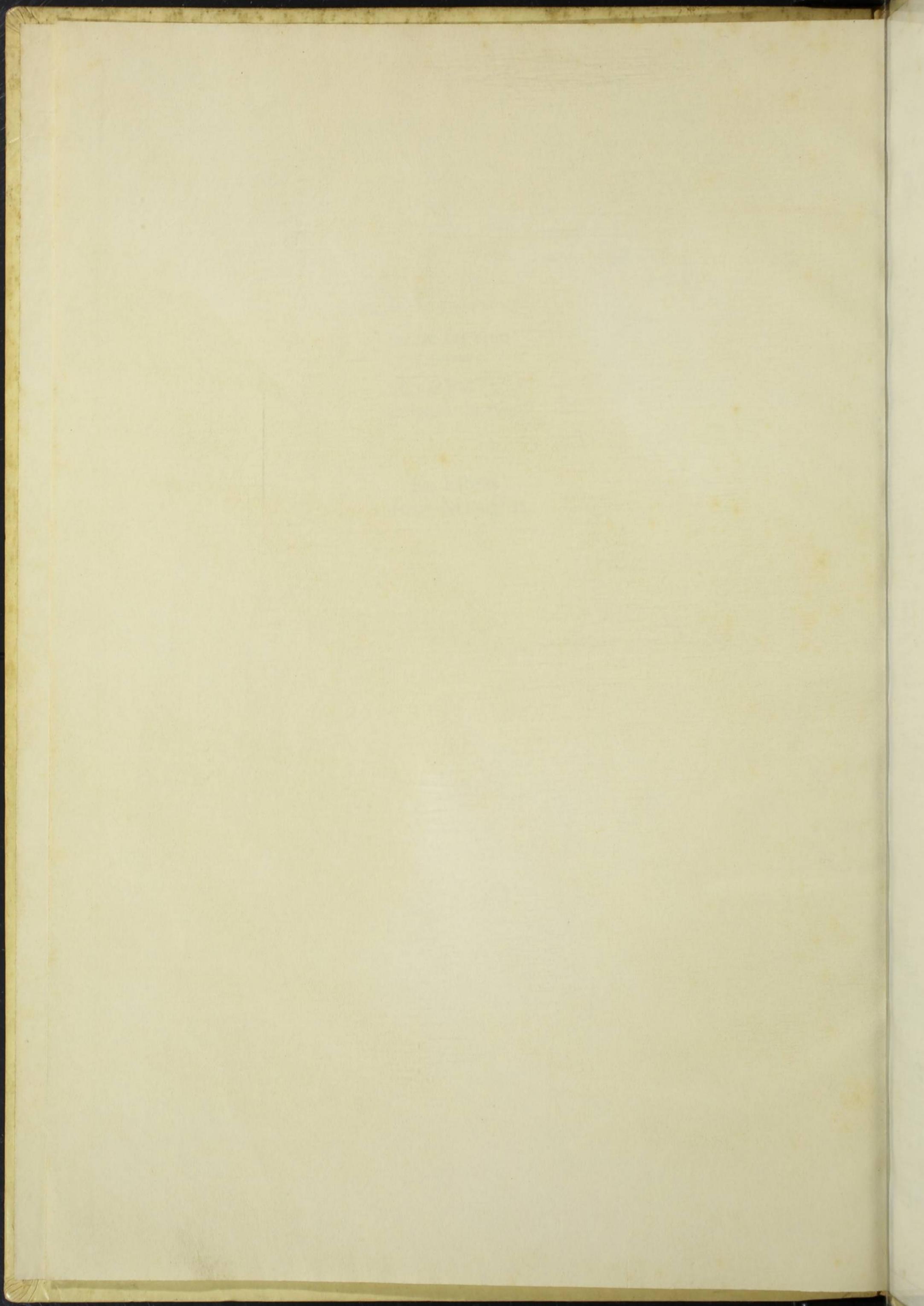
RIO DE JANEIRO, 1822

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

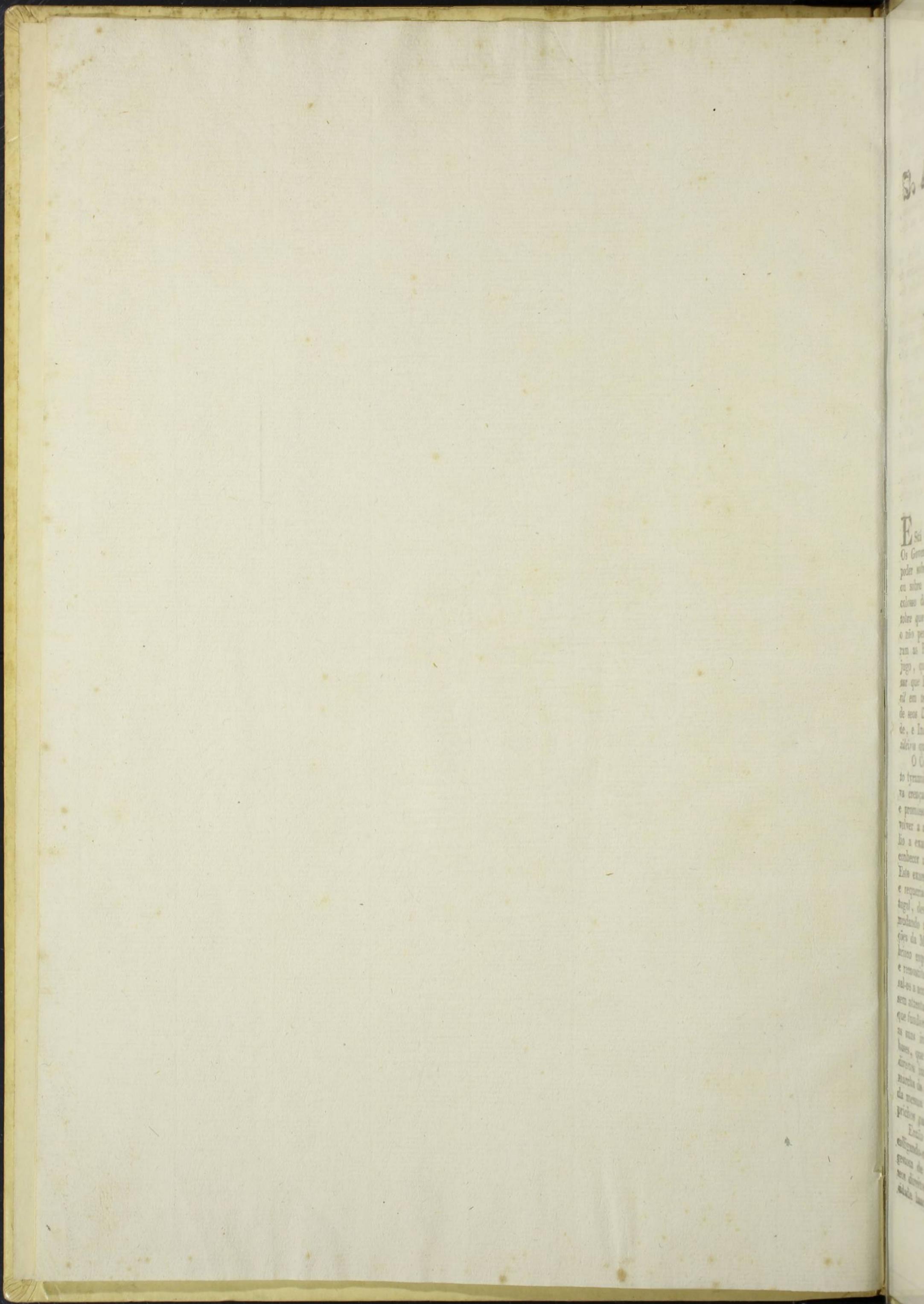
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

3. m.







# MANIFESTO

128

DE

## S. A. R. O PRINCIPE REGENTE CONSTITUCIONAL

E

DEFENSOR PERPETUO DO REINO DO BRASIL

AOS POVOS DESTE REINO.

### BRASILEIROS.

**E**stá acabado o tempo de enganar os homens. Os Governos, que ainda querem fundar o seu poder sobre a pertendida ignorancia dos Povos, ou sobre antigos erros, e abusos, tem de ver o colosso da sua grandeza tombar da fragil base, sobre que se ergueram outr' ora. Foi, por assim o não pensarem que as Cortes de Lisboa forçaram as Províncias do Sul do Brasil a sacudir o jugo, que lhes preparavam: foi por assim pensar que Eu agora já vejo reunido todo o Brasil em torno de Mim; requerendo-Me a defesa de seos Direitos, e a manutenção da sua Liberdade, e Independencia. Cumpre por tanto, ó Brasileiros que Eu vos diga a verdade; ouvi-Me pois.

O Congresso de Lisboa arrogando-se o direito tyrrnico d' impor ao Brasil um artigo de nova crença, firmado em um juramento parcial, e promissorio, e que de nenhum modo podia envolver a approvaçao da propria ruina, o compellio a examinar aqueles pertendidos titulos, e a conhecer a injustiça de taõ desacisadas pertenções. Este exame, que a razão insultada aconselhava, e requeria, fez conhecer aos Brasileiros que Portugal, destruindo todas as formas estabelecidas, mudando todas as antigas, e respeitaveis instituições da Monarchia, correndo a esponja de ludibrioso esquecimento por todas as suas relações, e reconstituindo-se novamente, não podia compulsar os a aceitar um sistema deshonroso, e aviltador sem attentar contra aquelles mesmos principios, em que fundará a sua revolução, e o direito de mudar as suas instituições politicas, sem destruir essas bases, que estabeleceram seos novos direitos, nos direitos inalienaveis dos povos, sem attropellar a marcha da razão, e da justiça, que derivam suas leis da mesma natureza das cousas, e nunca dos caprichos particulares dos homens.

Então as Províncias Meridionaes do Brasil, colligando-se entre si, e tomando a actitude magnifica de hum Povo, que reconhece entre os seos direitos os da liberdade, e da própria felicidade lançaram os olhos sobre Mim, e Filho

do seu Rei, e seu Amigo, que, encarando no seu verdadeiro ponto de vista esta tão rica, e grande porção do nosso globo, que, conhecendo os talentos des seos habitantes, e os recursos imensos do seu Sólo, via com dér a marcha desorientada, e tyrrnica dos que tão falsa, e prematuramente haviam tomado os nomes de Paes da Patria, saltando de Representantes do Povo de Portugal a Soberanos de toda a vasta Monarchia Portugueza. Julguei então indigno de Mim, e do Grande Rei, de Quem Sou Filho, e Delegado, o desprezar os votos de Subditos tão fieis; que, supeando talvez desejos, e propensões republicanas, desprezaram exemplos fascinantes de alguns Povos vizinhos, e depositaram em Mim todas as suas esperanças, salvando d'este modo a Realeza, n'este grande Continente Americano, e os reconhecidos direitos da Augusta Casa de Bragança.

Accedi a seos generosos, e sinceros votos, e conservei-Me no Brasil; dando parte d' esta Minha firme resoluçao ao Nossa Bom Rei, Persuadido, que este passo devera ser para as Cortes de Lisboa o thermometro das disposições do Brasil, da sua bem sentida Dignidade, e da nova elevaçao de seos sentimentos, e que os faria parar na carreira começada, e entrar no trilho da justiça, de que se tinham desviado. Assim mandava a razão; mas as vistas vertiginosas do egoísmo continuaram a suffocar os seos brados, e preceitos, e a discordia apontou-lhes novas tramas; subiram entaõ de ponto, como era de esperar, o ressentimento, e a indignaçao das Províncias colligadas; e, como por uma especie de magica, em um momento todas as suas ideas, e sentimentos convergiram em um só ponto, e para um só fim. Sem o estrepito das armas, sem as vozerias d'anarchia, requereram-Me elles, como ao Garante da sua preciosa Liberdade, e Honra Nacional, a prompta instalaçao d' uma Assembléa Geral Constituinte, e Legislativa no Brasil. Desejara Eu poder allongar este momento para ver se o desvaneio das Cortes de Lisboa cedia às vozes da Razão, e da Justiça, e a seos prepios interesses; mas a ordem por elles sugerida, e transmitida aos Consules Portuguezes de prohibir os

despachos de petrechos, e munições para o *Brasil*, era um signal de guerra, e um começo real d'hostilidades.

Exigia pois este Reino, que já Me tinha declarado Seo Defensor Perpetuo, que Eu Provesse do modo mais energico, e prompto á sua segurança, honra, e prosperidade. Se Eu Fraqueasse na Minha Resolução Attraíçoava por hum lado Minhas Sagradas Promessas, e por outro quem poderia sobrestar os males d'anarchia, a quem desmembração das suas Províncias, e os furcos da *Democracia*? Que luta porfiosa entre os partidos encarniçados, entre mil successivas, e encontradas facções? A quem ficariam pertencendo o ouro, e os diamantes das nossas inesgotaveis Minas; estes rios caudalosos, que fazem a força dos Estados, esta fertilidade prodigiosa, fonte inexaurivel de Riquezas, e de Prosperidade? Quem acalmaria tantos partidos dissidentes, quem civilisaria a nossa Povoação disseminada, e partida por tantos rios, que sam mares? Quem iria procurar os nossos *Indios* no centro de suas mattas impenetraveis através de montanhas altissimas, e inacessiveis? De certo, *Brasileiros*, lacerava-se o *Brasil*; esta grande peça da beneficia Naturza, que faz a inveja, e a admiração das Nações do Mundo; e ás vistas bemfazejas da Providencia se destruiam, ou, pelo menos se retardavam por longos annos.

Eu Fora Responsavel por todos estes males, pelo sangue, que ia derramar-se, e pelas victimas, que infalivelmente seriam sacrificadas ás paixões, e aos interesses particulares: Resolvi-me por tanto, Tomei o partido que os Povos desejavam, e Mandei convocar a Assembléa do *Brasil*, a fim de clementar a Independencia Política d'este Reino, sem romper com tudo os vinculos da Fraternidade *Portuguesa*; harmonisando-se com decôro, e justiça todo o Reino-Union de *Portugal*, *Brasil*, e *Algarves*, e conservando-se debaixo do mesmo Chefe duas Familias, separadas por imensos mares, que só podem viver reunidas pelos vinculos da igualdade de direitos, e reciprocos interesses.

*Brasileiros*! Para vós não he preciso recordar todos os males, a que estaveis sujeitos, e que vos impelliram á Representação, que Me fez a Camara, e Povo desta Cidade no dia 23 de Maio, que motivou o Meu Real Decreto de 3 de Junho do corrente anno; mas o respeito, que devemos ao Gênero Humano exige que demos as razões da vossa justiça, e do Meu Comportamento. A historia dos feitos do Congresso de *Lisboa* a respeito do *Brasil*, he uma historia d'ensiadas injustiças, e sem razões, scos fins eram paralysar a prosperidade do *Brasil*, consumir toda a sua vitalidade, e reduzil-o a tal inanição, e fraqueza, que tornasse infallivel a sua ruina, e escravidão. Para que o Mundo se convença do que Digo, entremos na simples exposição dos seguintes factos.

Legisla o Congresso de *Lisboa* sobre o *Brasil* sem esperar pelos scos Representantes, postergando assim a Soberania da maioria da Nação.

Negou-lhe uma Delegação do Poder Executivo, de que tanto precisava para desenvolver todas as forças da sua Virilidade, vista a grande distancia, que o separa de *Portugal*, deixando-o assim sem leis apropriadas ao seo clima, e circunstancias locaes, sem promptos recursos ás suas necessidades.

Recusou-lhe um centro de união, e de força para o debilitar, incitando previamente as suas Províncias a despegarem-se d'aquelle, que já dentro de si tinham felizmente.

Decretou-lhe Governos sem estabilidade, e sem nexo, com trez centros de actividade diferente, insubordinados, rivaes, e contradictorios, destruindo assim a sua cathegoria de Reino, aluindo assim as bases da sua futura grandeza, e prosperidade, e só deixando-lhe todos os elementos da desordem, e da anarchia.

Excluiu de facto os Brasileiros de todos os Empregos honoríficos, e encheo vossas Cidades de baionetas Europeas, commandadas por Chefes forasteiros crueis, e immoraes.

Recebeo com entusiasmo, e prodigaliso louvores a todos esses monstros, que abriram chagas dolorosas nos vossos corações, ou prometteram não cessar de as abrir.

Lançou mãos roubadoras aos recursos applicados ao Banco do *Brasil*, sobrecarregado de uma divida enorme Nacional, de que nunca se ocupou o Congresso: quando o credito d'este Banco estava enlaçado com o credito publico do *Brasil*, e com a sua prosperidade.

Negociava com as Nações estranhas a alienação de porções do vosso território para vos enfraquecer, e escravizar.

Desarmava vossas fortalezas, despia vossos Arreiaes, deixava indefesos vossos Portos, chamando aos de *Portugal* toda a vossa Marinha; esgotava vossos Thesouros com saques repetidos para despesa de tropas, que vinham sem pedimento vosso, para verterem o vosso sangue, e destruir-vos, ao mesmo tempo que vos proibia a introdução de armas, e munições estrangeiras, com que podesseis armar vossos braços vingadores, e sustentar a vossa Liberdade.

Appresentou hum projecto de relações commerciaes, que, sob falsas apparencias de chimita reciprocidade, e igualdade, monopolisava vossas riquezas, feixava vossos portos aos Estrangeiros, e assim destruia a vossa Agricultura, e Industria, e reduzia os Habitantes do *Brasil* outra vez ao estado de pupilos, e colonos.

Tractou desde o principio, e tracta ainda com indigno aviltamento, e desprezo os Representantes do *Brasil*, quando tem a coragem de punir pelos scos direitos, e até (quem ousará dizer!) vos ameaça com libertar a escravatura, e armar scos braços contra scos proprios Senhores.

Para acabar finalmente esta longa narração de horrorosas injustiças, quando pela primeira vez ouvio aquelle Congresso as expressões da vossa justa indignação, dobrou de escarneo, ó *Brasileiros*, querendo desculpar scos attentados com a vossa propria vontade, e confiança.

A Delegação do Poder Executivo, que o Congresso regeitara por anti-constitucional, agora já uma Comissão do scio d'este Congresso nol-a offerece, e com tal liberalidade, que em vez de um centro do mesmo poder, de que só precisaveis, vos querem conceder dous, e mais. Que generosidade inaudita! Mas quem não vê que isto só tem por fim destruir a vossa força, e integridade, armar Províncias contra Províncias, e Irmãos contra Irmãos.

Accordemos pois, Generosos Habitantes d'este Vasto, e poderoso Imperio, está dado o grande paseo da Vossa Independencia, e Felicidade á tantos tempos preconisadas pelos grandes Péri-

141

icos da Europa. JÁ sois um Povo Soberano; já entrastes na grande Sociedade das Nações independentes, a que tinheis todo o direito. A Honra, e Dignidade Nacional, os desejos de ser venturosos, a voz da mesma Natureza mandam que as Colônias deixem de ser Colônias, quando chegam á sua virilidade, e ainda que tractados como Colônias não o ereis realmente, e até por fim ereis um Reino. Denais; o mesmo direito que teve Portugal para destruir as suas instituições antigas, e constituir-se, com mais razão o tendes vós, que habitais um vasto, e grandioso Paiz, com uma Povoação (bem que disseminada) já maior que a de Portugal, e que irá crescendo com a rapidez, com que caem pelo espaço os corpos graves. Se Portugal vos negar esse direito, renuncie elle mesmo ao direito, que pode allegar para ser reconhecida a sua nova Constituição pelas Nações Estrangeiras, as quaes então poderiam allegar motivos justos para se intrometterem nos seos negócios domésticos, e para violarem os atributos da Soberania, e Independencia das Nações.

Que vos resta pois, Brasileiros? Resta-vos reunir-vos todos em interesses, em amor, em esperanças; fazer entrar a Augusta Assembléa do Brasil no exercicio das suas funcções, para que maneando o leme da Razão, e Prudencia, haja de evitar os escolhos, que nos mares das revoluções appresentam desgraçadamente França, Espanha, e o mesmo Portugal; para que marque com mão segura, e sabia a partilha dos Poderes, e firme o Código da vossa Legislação na sua Philosophia, e o applique ás vossas circunstancias peculiares.

Não o duvideis, Brasileiros; vossos Representantes ocupados não de vencer renitencias; mas de marcar direitos, sustentaram os vossos, calcados aos pés, e desconhecidos á trez séculos: consagraram os verdadeiros princípios da Monarquia Representativa Brasileira: declararam Rei d'este bello Paiz o Senhor D. João VI., Meo Augusto Fáe, de Cujo amor estais altamente possuidos: cortaram todas as cabeças à Hydra d'anarchia, e a do Despotismo: imporám a todos os Empregados, e Funcionarios Publicos a necessaria responsabilidade; e a vontade legitima, e justa da Nação nunca mais verá tolhido a todo o instante o seu vôo magestoso.

Firmes no principio invariavel de não sancionar abusos, donde a cada passo germinam novos abusos, vossos Representantes espalharão a luz, e nova ordem no cãhos tenebroso da Fazenda Pública, d' Administração económica, e das Leis Civis, e criminais. Térão o valor de crer que ideias úteis, e necessarias ao bem da nossa especie não sain destinadas somente para ornar paginas de livros, e que a perfectibilidade, concedida ao homem pelo Ente Creador, e Supremo deve não achar tropeço, e concorrer para a ordem social, e felicidade das Nações.

Dar-vos-ham um Código de Leis adequadas á Natureza das vossas circunstancias locaes, da vossa Povoação, interesses, e relações, cuja execução será confiada a Juizes integros, que vos administrem justiça gratuita, e façam desaparecer todas as traças do vosso Foro, fundadas em antigas Leis obscuras, ineptas, complicadas, e contradictorias. Elles vos darão um Código penal dictado pela razão, e humanidade, em vez d'essas Leis sanguinozas, e absurdas, de que até ago-

ra fostes victimas cruentas. Tereis um sistema d'impostos, que respeite os suores d'Agricultura, os trabalhos da Industria, os perigos da Navegação, e a liberdade do Commercio: um sistema claro, e harmonioso, que facilite o emprego e circulação dos cabedais, e arranque as cem chaves misteriosas, que fechavam o escuro Labyrintho das Finanças, que não deixavam ao Cidadão lobrigar o rasto do emprego, que se dava ás rendas da Nação.

Valentes Soldados, taõbem vós terás um Código Militar, que, formando um Exercito de Cidadãos disciplinados, reuna o valor, que defende a Patria ás virtudes cívicas, que a protegem e seguram.

Cultores das Letras, e sciencias, quasi sempre aborrecidos, ou desprezados pelo despotismo; agora terás a estrada aberta, e desempeçada para adquirirdes gloria, e honra. Virtude, Merecimento, vós vireis juntos ornar o Sanctuário da Patria, sem que a intriga vos feixe as avenidas do Throno, que só estavam abertas á hypocrisia, e á impostura.

Cidadãos de todas Classes, Mocidade Brasileira, vós terás um Código d' Instrução pública Nacional, que fará germinar, e vegetar viçosamente os talentos d' este clima abençoado, e colocará á noesa Constituição debaixo da salva-guarda das gerações futuras, transmittindo a toda a Nação uma educação Liberal, que communique aos seos Membros a instrução necessaria para promoverem a felicidade do Grande Todo Brasileiro.

Encarai, Habitantes do Brasil, encarai a perspectiva de Glória, e de Grandeza, que se vos ant'olha: não vos assustem os atrazes da vossa situação actual; o fluxo da civilização começa a correr já impetuoso desde os desertos da California até ao estreito de Magalhães. Constituição, e Liberdade Legal sam fontes inesgotaveis de prodigios, e seram a ponte por ordem o bom da velha, e convulsa Europa passará ao nosso continente. Não temais as Nações Estrangeiras: a Europa, que reconhece a Independencia dos Estados Unidos d' America, e que ficou neutral na luta das Colônias Hepanholas, não pode deixar de reconhecer a do Brasil, que, com tanta justiça, e tantos meios, e recursos, procura taõbem entrar na grande Família das Nações. Nós nunca nos envolveremos nos seos negócios particulares; mas elas taõbem não quererão perturbar a paz e comércio livre, que lhes offerecemos; garantidos por um Governo Representativo, que vamos estabelecer.

Não se ouça pois entre vós outro grito que não seja — UNIÃO. — Do Amazonas ao Prata não retumbe outro écho, que não seja — INDEPENDENCIA. — Formem todas as nossas Províncias o feixe misterioso, que nenhuma força pôde quebrar. Desapareçam de uma vez antigas preocupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer Província, ou de qualquer Cidade. Deixai, ó Brasileiros, que escuros blasphemadores soltem contra vós, contra Mim, e contra o nosso Liberal Sistema injurias, calumnias, e baldões: lembrai-vos que, se elles vos louvassem — o Brasil estava perdido. — Deixai que digam que attentamos contra Portugal, contra a Mãe Patria, contra os nossos bemfeitoros; nós, salvando os nossos direitos, punindo pela nossa justiça, e consolidando a nossa Liberdade, queremos salvar a Portugal de huma nova classe de tyranos.

Deixai que clamem que nos rebellamos contra o nosso Rei: Elle sabe que O amamos, como a um Rei Cidadão, e queremos salval-O do affrontoso estado de captiveiro, a que O reduziram; arrancando a mascara da hypocrisia a Demagogos infames, e, marcando com verdadeiro Liberalismo os justos limites dos poderes politicos. Deixai que vozeem, querendo persuadir ao Mundo que quebramos todos os laços de união com nossos Irmãos da Europa; não; nós queremos firmar-a em bases solidas, sem a influencia de um partido, que vilmente desprezou nossos direitos, e que, mostrando-se á cara descoberta tyranno, e dominador em tantos factos, que já se não podem esconder, com deshonra, e perjuizo nosso, enfraquece, e destrói irremediavelmente aquella força moral, tão necessaria em um Congresso, e que toda se apoia na opinião publica, e na justiça.

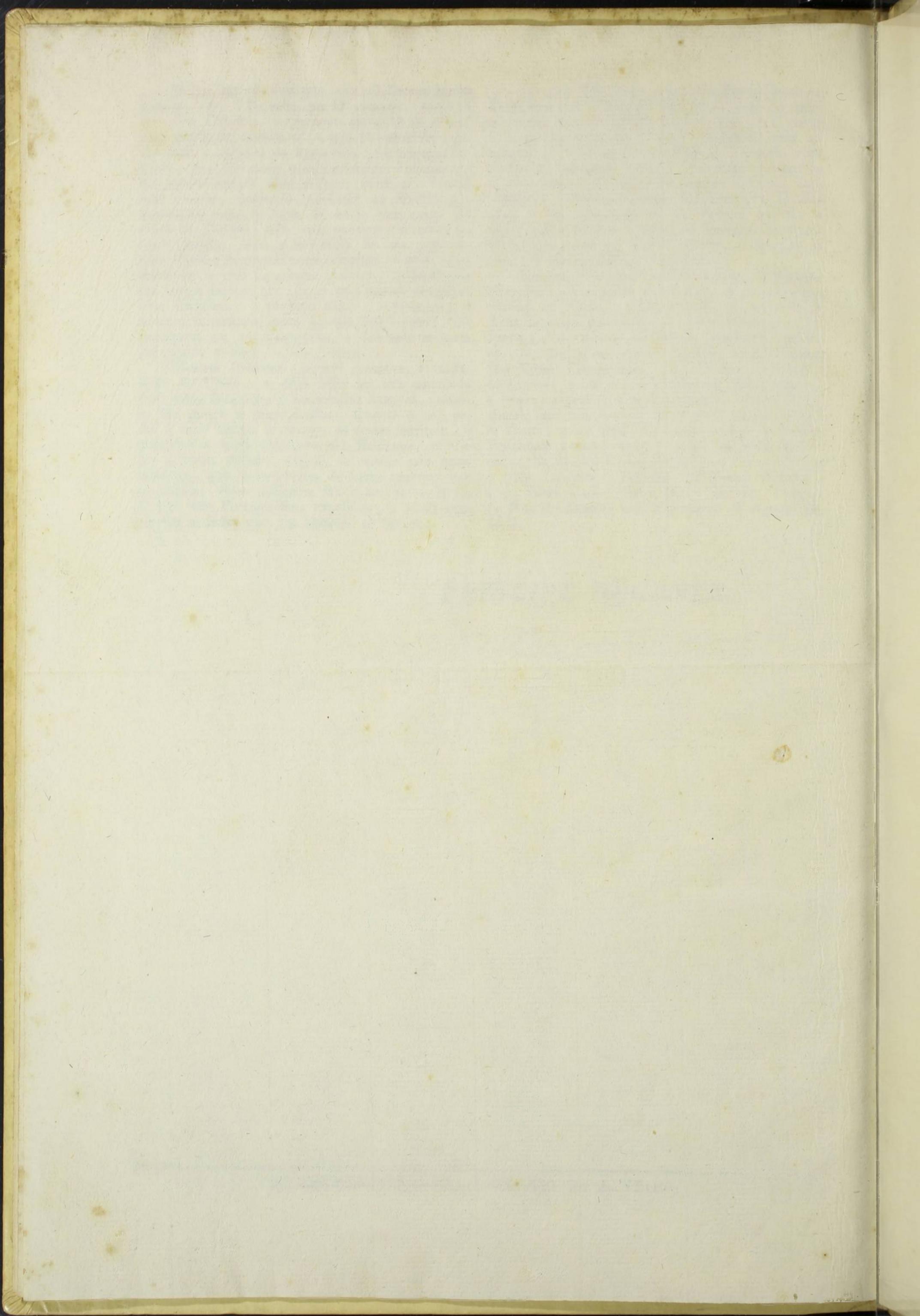
Ilustres Bahianos, porção generosa, e malfadada do Brasil, a cujo Sólo se tem agarrado mais essas fainintas, e empéstadas harpyas, quanto Me punge o vosso destino! Quanto o não poder á mais tempo ir enxugar as vossas lagrimas, e abrandar a vossa desesperação! Bahianos, o brio he a vossa divisa, expelli do vosso seio esses monstros, que se sustentam do vosso sangue; não os temais, vossa paciencia faz a sua força. Elles já não sam Portuguezes, expelli-los, e vinde reuir-vos a Nós, que vos abrimos os braços.

Valentes Mineiros, intrepidos Pernambucanos Defensores da Liberdade Brasilica, voai em socorro dos vossos vizinhos Irmãos: não he a causa de uma Província he a causa do Brasil, que se defende na Primogenita de Cabral. Extingui esse viveiro de fardados Lobos, que ainda sustentam os sanguinários caprichos do partido faccioso. Recordai-vos, Pernambucanos das fogueiras do Bonito, e das scenas do Recife. Pouparai porém, e amai, como Irmãos a todos os Portuguezes pacificos, que respeitam nossos direitos, e desejam a nossa, e sua verdadeira felicidade.

Habitantes do Ceará, do Maranhão, do Riquíssimo Pará, Vós todos das bellas, e amenas Províncias do Norte, vinde exalar, e assignar o Acto da nossa Emancipaçao, para figurarmos (he tempo) directamente na grande associação politica. Brasileiros em geral! Amigos, reunamo-nos. Sou Vosso Compatriota, Sou Vosso Defensor e encaremos, como unico prémio de nossos suores, a honra, a gloria, a prosperidade do Brasil. Marchando por esta estrada ver-Me-heis sempre à vossa frente, e no logar do maior perigo. A Minha Felicidade (convencei-vos) existe na vossa felicidade: he Minha Glória Reger um Povo brioso, e livre. Dai-Me o exemplo das Vossas Virtudes, e da Vossa União. Serei Digno de vós. Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro d' Agosto de 1822.

## PRINCIPE REGENTE:







11334

7.8.8.8.

